



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/historia-ambiental/>

História ambiental: por mais vidas na história

Carolina Marotta Capanema¹

RESUMO: A história ambiental vem colocando em pauta a tradicional concepção de história fundamentada apenas no estudo dos processos humanos no tempo, como se estes fossem descolados dos processos biofísicos que constituem o mundo tal como o conhecemos. Eventos recentes, como a pandemia suscitada pelo novo coronavírus e a emergência das mudanças climáticas, vêm corroborando a necessidade de uma revisão das teorias da história pautadas no excepcionalismo humano. Este ensaio pretende incitar reflexões sobre estas questões, buscando construir, por meio de experiências históricas concretas, outra forma de se pensar as relações entre as ciências da natureza e as ciências humanas.

PALAVRAS-CHAVE: História ambiental. Cultura e natureza. Teoria da história.

Environmental history: for more lives in history

ABSTRACT: Environmental history has questioned the traditional conception of history based only on the study of human processes in time, as if these were detached from the biophysical processes that constitute the world as we know it. Recent events, such as the pandemic caused by the new coronavirus and the emergence of climate change, have corroborated the need for a revision of the theories of history based on human exceptionalism. This essay intends to encourage reflection on these issues, seeking to construct, through concrete historical experiences, another way of thinking about the relationships between the natural sciences and the human sciences.

KEYWORDS: Environmental history. Culture and nature. History theory.

A história é tradicionalmente definida como a ciência dos homens no tempo, tal qual propôs o historiador francês Marc Bloch (2001) em seu livro “Apologia da História”, uma clássica referência teórica desta área do conhecimento. A referida definição vem passando, contudo, por uma profunda revisão por parte de historiadoras e historiadores que têm como campo de estudos a história ambiental. Área de pesquisa que considera o mundo biofísico como parte constitutiva das dinâmicas histórico-sociais e não apenas como um palco ou cenário em que se desenvolvem os



acontecimentos. Afinal, nem só de “homens” (ainda que estendamos o significado do termo à humanidade e não apenas ao gênero masculino) constitui-se a história.

A história se constrói, antes de tudo, nas relações. Nas relações de humanos entre si e entre a humanidade e outras espécies; entre o mundo biofísico (que nos inclui) e o mundo abiótico. A tradicional concepção de história fundamenta-se em uma separação dicotômica entre cultura e natureza - herdada da tradição judaico-cristã e reforçada pelo pensamento cartesiano - que vem sendo enfaticamente questionada nas últimas décadas por cientistas das ciências humanas e das ciências da natureza.

Plantas, animais, rochas, agentes atmosféricos e muitas outras vidas e componentes são nossos parceiros na política de habitar e transformar o mundo, como alerta a antropóloga norte-americana Anna Tsing (2019). E a história está repleta de casos que corroboram tal afirmação. Um exemplo emblemático é o resultado do contato entre europeus e ameríndios na época moderna, quando o trânsito entre o continente europeu e americano causou a dispersão de espécies entre Europa e América alterando definitivamente a biota dos dois territórios, incluindo as vidas humanas que ali habitavam (CROSBY, 2001).

Há, ainda, exemplos contundentes que mostram como as sociedades e os ambientes nas Américas estiveram imbricados em seus processos de coevolução nos últimos 12.000 anos, muito antes do contato com os europeus. Refiro-me à formação das chamadas “terras pretas de índio” da Amazônia, também conhecidas como “terras pretas arqueológicas” ou simplesmente “terras pretas”. Estudos arqueológicos, como do antropólogo estadunidense William Baleé (2009), indicam que há manchas de solo de cor preta em regiões da Amazônia que foram formadas pela decomposição de material orgânico e fragmentos de cerâmica utilizados pelos indígenas no passado. Esta interação formou um tipo de solo que apresenta grande fertilidade em lugares que foram intensamente ocupados por séculos e muitas vezes estão hoje recobertos por florestas, geralmente consideradas áreas intocadas.

Em seu artigo “O clima da história: quatro teses”, o historiador indiano Dipesh_Chakrabarty (2013, p.5), enfatiza outro fator importante para a readequação a uma abordagem menos dicotômica entre os estudos em ciências humanas e naturais: o aquecimento global. Para ele, “as explicações antropogênicas da mudança climática acarretam o fim da velha distinção humanista entre história



natural e história humana”, pois abala os paradigmas estabelecidos da teoria da história ocidental, que parte do princípio de que humanos são sujeitos e natureza é objeto que não atua nos processos históricos. A atual crise climática coloca em risco a nossa própria existência como espécie e a continuidade da história humana. Outro exemplo fatídico de que a história não é construída por ações estritamente humanas é a emergência da pandemia causada pelo novo coronavírus, cuja principal hipótese de origem tem sido atribuída à passagem do vírus de animais para os seres humanos. Este agente microbiológico vem alterando nossas formas de estar no mundo e, portanto, a nossa história.

A história ambiental, campo da história que nasceu no início da década de 1970, vem contribuindo para a construção de um conhecimento menos dualista das relações entre cultura e natureza, como salienta o historiador José Augusto Pádua (2010). Esta perspectiva de análise sustenta que há uma determinação recíproca, dinâmica e complexa entre o que se convencionou classificar como “sociocultural” e “biofísico”. A separação cultura/natureza é uma abstração conceitual, pois somos seres biológicos que co-participam dos processos que convencionamos chamar de “naturais”. Bruno Latour (2020) é categórico ao afirmar que a natureza não existe como um domínio, mas apenas como a metade de um par (cultura/natureza) tradicionalmente definido por um conceito único.

Como disse outro respeitado estudioso da área da história ambiental, Donald Worster (1991, p.199), este campo da história “rejeita a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, e de que somos uma espécie distinta “super natural””. Os fenômenos humanos e não humanos se interconectam e são intrinsecamente interdependentes, como em um sistema de redes ou fluxos que se ligam. É preciso permitir a entrada da história de não humanos na história, como disse a antropóloga Anna Tsing (2019), para não incorremos, inclusive, em erros de interpretação histórica.

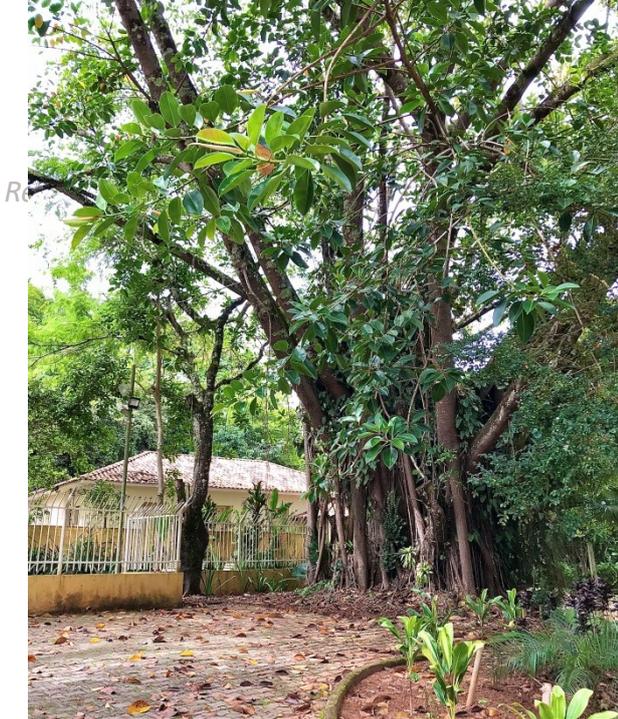
Um interessante exemplo, nesse sentido, nos foi legado pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda (2006) em seus estudos sobre a agricultura. Em “Raízes do Brasil”, Holanda argumenta que duas causas explicariam a persistência de certos métodos de lavoura nas colônias alemãs do sul do Brasil nos séculos XIX e XX. A primeira diz respeito à formação geológica da região, pois, situadas ao longo da região serrana, as plantações ocupavam as encostas dos morros, e isso dificultava o uso do arado. A segunda causa seria originária da própria experiência dos colonos que



mostrava que o emprego do arado era muitas vezes contraproducente em certas terras tropicais e subtropicais. Ou seja, a tecnologia utilizada no período não foi determinada por uma escolha arbitrária ou por determinações impostas por agentes humanos, mas por uma adaptação a características ambientais específicas.

Não se trata, no entanto, de reafirmar teorias deterministas biológicas ou geográficas, que sustentam que a natureza ou o ambiente definem os rumos da história e as características humanas, mas sim, compreender que os processos sociais se constroem mutuamente com os processos biofísicos. Para melhor visualizarmos os entrelaçamentos das vidas humanas e não humanas e de todos os componentes que formam nosso mundo e, conseqüentemente, nossa história, sigamos o argumento do antropólogo norte-americano Tim Ingold (2012), em sua análise sobre a vida das árvores. O título do texto é bastante sugestivo: “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”.

A árvore é um objeto? Em caso positivo, como a definiríamos? O que é árvore, e o que é não árvore? Onde termina a árvore e começa o resto do mundo? Essas não são questões fáceis de responder - ao menos não tão fáceis como parecem ser no caso dos móveis no meu escritório. A casca, por exemplo, é parte da árvore? Se eu retiro um pedaço e o observo mais de perto, constatarei que a casca é habitada por várias pequenas criaturas que se meteram por debaixo dela para lá fazerem suas casas. Elas são parte da árvore? E o musgo que cresce na superfície externa do tronco, ou os líquens que pendem dos galhos? Além disso, se decidimos que os insetos que vivem na casca pertencem à árvore tanto quanto a própria casca, então não há razão para excluirmos seus outros moradores, inclusive o pássaro que lá constrói seu ninho ou o esquilo para o qual ela oferece um labirinto de escadas e trampolins. Se consideramos que o caráter dessa árvore também está em suas reações às correntes de vento no modo como seus galhos balançam e suas folhas farfalham, então poderíamos nos perguntar se a árvore não seria senão uma árvore-no-ar [...] a árvore não é um objeto, mas um certo agregado de fios vitais (INGOLD, 2012, p.2-3).



Quantas vidas constituem uma árvore? Esta é uma falsa-serigüeira (*Ficus elastica*) e nesta foto é possível observar que nela coabitam várias espécies. Se focarmos nesta multiplicidade, ela não pode ser compreendida como uma única vida, mas como um aglomerado de vidas que evoluem simultaneamente. A proposta da história ambiental é também pensar a construção dos processos históricos como processos igualmente complexos que envolvem inúmeras vidas, abarcando aspectos biofísicos e sociais que se constituem mutuamente.

Fotos: Carolina Capanema. Universidade Federal de Viçosa, fev.2021.

Ingold é um dos pensadores das ciências humanas que vêm propondo uma forma alternativa à concepção cultura *versus* natureza, sujeito *versus* objeto, cristalizada na cultura ocidental para analisar processos, sejam eles definidos como sociais ou biológicos. Ele nos ajuda a embasar o questionamento das bases antropocêntricas das teorias da história, que colocam homens e mulheres como seres descolados de todos esses fios vitais a que ele se refere, como se estivéssemos apartados do mundo material (e quando não estamos, fôsemos apenas seus controladores) e todos os processos sociais fossem fruto de nossas decisões ou da nossa obediência àqueles que as tomam.

A COVID-19 nos lembra diariamente que esta teoria já não nos serve. Um vírus tem mudado os rumos da história e vem redefinindo, junto de todas as vidas envolvidas nesse novo fluxo vital (incluindo a humana), o nosso presente e o nosso futuro. As teorias e métodos que orientam as análises históricas não deveriam ignorar esta realidade e a antropologia e a história ambiental têm muito a contribuir para isso, bem como outras ciências que vêm questionando as velhas dicotomias entre sujeito/humanos/atores *versus* objetos/demais vidas/ambiente.

Estudos recentes, como da neurobiologia vegetal, vêm indicando, por exemplo, que seres que sempre consideramos inertes, como as plantas, são dotados de inteligência e, mesmo não possuindo um sistema nervoso central (como o nosso, caracterizado por um único órgão: o



cérebro) apresentam um intrincado sistema que transmite estímulos nervosos por meio dos quais se comunicam e desenvolvem soluções adaptativas. Utilizemos a ironia do biólogo italiano Stefano Mancuso (2019) em “Revolução das plantas”: o homem é um recurso para as plantas. Ou seja, somos dispersores de espécies e esta relação entre “nós” e “elas” modificou as Américas e a Europa no contato entre europeus e os povos que aqui viviam.

Portanto, entre estas histórias e tantas outras, onde começa e termina a nossa história (humana) e a dos outros (não humanos)? Não seríamos todos como as árvores, agregado de fios vitais? Façamos como Ingold propõe: tragamos a história à vida! Ou, fazendo uma alusão à provocação de Bruno Latour em “Diante de Gaia”, animemos a história!

Bibliografia:

BALÉÉ, W. Culturas de distúrbio e diversidade em substratos amazônicos. In: TEIXEIRA, Wenceslau Geraldes *et. al.* **As terras pretas de índio da Amazônia**: sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental, 2009.

BLOCH, M. **Apologia da história**, ou, O ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CHAKRABARTY, D.O clima da história: quatro teses. **Sopro 91**, jul/2013.

CROSBY, A. W. **Imperialismo ecológico**: a expansão biológica da Europa, 900-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HOLANDA, S.B. de. **Raízes do Brasil**. Organização Ricardo Benzaquen de Araújo, Lilia Moritz Schwarcz. ed. rev. São Paulo: Companhia das Letras, [1936] 2006.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, vol.18, no.37, Jan./June 2012.

LATOUR, B. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre o Antropoceno. SP/RJ: Ubu Editora/Ateliê de Humanidades Editorial, 2020.



MANCUSO, S. **Revolução das plantas**: um novo modelo para o futuro. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

PÁDUA, J.A. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos avançados**, 24 (68), 2010.

TSING, A.L. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

WORSTER, D. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.4, n.8, p.198-215, 1991.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

¹Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora no Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. Departamento de História, Universidade Federal de Viçosa. E-mail: mcapanema@gmail.com.